

Tecnocratas e eleições

O ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, lembrou muito bem que os chamados tecnocratas têm de participar da política, no caso às próximas eleições, em favor do PDS, a quem deviam, nem que seja indiretamente, seus vários postos.

Com efeito, se o PDS está no Governo mas não no poder, é por conta dos que, a pretexto dos últimos anos, resolveram achar que a administração consiste apenas de questões técnicas.

Não vamos perder tempo com teorias deslocadas. Elas merecem melhor tratamento noutras circunstâncias muito diferentes.

Neste caso, o que houve foi a interrupção do primado da política, natural por definição em qualquer Estado, por conta de fatores que tentaram esfriar a temperatura ideológica das discussões partidárias levadas a um grau muito alto.

Operando o resfriamento, foi-se a extremo oposto: passou-se a querer esterilizar o Estado, além de vaciná-lo. Era o esvaziamento das considerações qualitativas, reduzidas a um estranho quantitativismo mágico, com pretensões científicas, de números cabalísticos. Talvez até em parte benéficos ao povo, que os desejaria, contudo, doutro modo ou mesmo em menor proporção, contanto que fosse por sua escolha. Às vezes o paternalismo até nisto se desperdiça, outorgando mais do que esperado... Além de aumentar a deformação do clientelismo.

Pouco a pouco recomeçou a crescer o descontentamento pelo outro lado. A população voltava a querer ser ouvida, quer nas circunstâncias dramáticas de greves ou nas rotinizadas pelas eleições.

Mas os quantitativistas impermeáveis, diversos dos técnicos com sensibilidade social e portanto política, insistiram em fazer ouvidos moucos. Era fácil transferir a responsabilidade aos militares, enquanto chegavam a multiplicar-se as próprias denúncias contra a corrupção, que retornava por conta da impunidade.

E nada de serem atendidas as reclamações populares.

Não se precisa cair de novo no populismo, ao tentar-se a democracia. Este é o regime da responsabilidade individual perante as coletividades e não a liberdade de poucos ou muitos a confundindo com libertinagem.

Há uma diferença essencial entre cargo de carreira e cargo político. Este último é de confiança pessoal do superior hierárquico, ele mesmo em geral oriundo da vontade das urnas. Assim se fecha o círculo do poder democrático, voltando revigorado das bases, fechando a porta às oligarquias e às anarquias.

Ninguém está desprezando os técnicos. Só se lembra que a técnica não passa de uma atividade-meio. As metas têm de ser definidas pelo interessado, o povo. Se ele se encontra imaturo, a culpa recai noutra atividade-meio, a educação e seus administradores.

Brecht, em versos sarcásticos contra a repressão ao levante operário da Alemanha Oriental em 1954, escreveu que se o partido não estava satisfeito com o povo, que elegeisse outro povo... O mesmo se aplica a qualquer governo, inclusive aquele em nome da eficiência técnica, auto-intitulada rebarbativamente de "tecnocracia". Invertendo, sob outros pretextos mas sempre em causa própria, os meios em fins. Pois termina gerando outro tipo de oligarquia, anêmica, intoxicada com sua imagem do mundo, projetada como se fosse a única ou a melhor.

A abertura precisa, enfim, chegar à tecnocracia.

Se o povo é incômodo, siga-se o conselho de Brecht, escolha-

se outro povo, mude-se para outro lugar, dificilmente existente, que pague salários iguais aos nossos e aceite a nossa tolerância, rara no mundo porque às vezes excessiva, para com a corrupção e a ineficiência camufladas de competência sob impenetráveis jargões.

Insista-se que não se está generalizando a acusação aos técnicos, fundamentais para viabilizar ou impugnar projetos em nome do realismo. Estes são necessários em qualquer regime. E há técnicos capazes de desenvolver politicamente sua sensibilidade social. Chegam a ser os melhores políticos, cada qual à sua maneira: técnicos em Direito, em Economia, em Administração de diversos tipos e em quantas especializações houver. O autêntico político deve ser um homem preparado e não só experimentado.

Mas tem-se que urgir, empurrar de volta os recalitrantes para estas realidades. Se estão com medo de perderem eleições com o PDS, que vão para um estádio mas bem remunerado na iniciativa privada, cedam o lugar aos técnicos ligados a outros partidos. O que não podem é eternizar-se nos cargos, indiferentes a quem os colocou lá, mesmo indiretamente, e contra quem se voltam ou diante de quem passaram a apregoar indiferença. No fundo, prontos para aderir ao próximo vitorioso... Truque já intuído pelos futuros prejudicados...

E se as opiniões técnicas não foram acatadas devidamente, que seus proponentes o digam abertamente, em vez de retrair-se só falando quando a população lhes der as contas para irem embora. Numa derradeira tentativa de permanecer indefinidamente no poder enquanto pessoas físicas.

Houve e há técnicos ouvidos e prestigiados por todas as facções; homens com a sensibilidade social e a visão política de um Jean Monnet, oferecendo seu modelo de unificação européia a diversos partidos e estadistas, até os melhores o endossarem. No Brasil do passado, um Rio Branco serviu muito bem à República, apesar de barão. E, no presente, Simões Lopes permanece um patriarca inspirador de gerações sucessivas de técnicos servindo a vários regimes.

Nestes paradigmas se deveria inspirar o técnico que não aceitasse a suposta conversão em "tecnocratas". Claro que também existem nas novas gerações. Só não mencionamos os seus nomes para não cairmos na injustiça das omissões.

Assim poderemos ir de coração tranqüilo para as urnas, certos de que existem instituições nacionais permanentes, em diálogo e não em antagonismo com as classes às vezes conflitantes, porém sempre mediáveis.

O que não podemos é ficar ignorando o povo, em nome de uma "democracia" paradoxal porque sem eleições ou com seus resultados ignorados. Pelos seus pronunciamentos, mudem-se orientações e pessoas, procurem-se novos rumos sem perder de vista as raízes do passado. Uma enumeração dos líderes eleitos no Brasil, e seus ministérios, não depõe contra os eleitores. Muitos dos eleitos foram inclusive ministros de governos seguintes a 1964, servindo-os com eficiência e honestidade.

Se a megalomania de alguns tivesse sido contida em tempo, bem como controlada severamente a lisura no trato da coisa pública, perante os olhos inquiridores da nação, teríamos evitado muitos dissabores ligados à inflação e à dívida externa, entre outros problemas que nos afligem. Confiou-se demasiado no futuro. E na suposta indiferença dos prejudicados.

Vai chegar a hora da limpeza pacífica e construtiva através das urnas. Sua voz precisa ser ouvida, para corrigirmo-nos, com humildade no plural.